



Malu Galli encarna com maestria a conturbada trajetória de Monique, uma mulher em fuga diante do abuso e da violência

Dramaturgia em carne viva

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Desta quinta (2) até a Páscoa, mesmo com a Sexta-feira da Paixão no meio do caminho, ainda é possível recorrer ao Teatro Firjan Sesi Centro para conferir o que, até o momento, configura-se como o acontecimento teatral de 2026 no Rio: “Mulher em Fuga”. Já viu se viu muita coisa boa desde janeiro nos palcos da cidade, mas nada que tivesse feito tanto barulho – e não apenas pela desenvoltura de Malu Galli com o ator Tiago Martelli – para além das artes cênicas, para além do palco, tangenciando o microcosmo da cultura por múltiplas vias, de mãos dadas com a literatura.

A resenha do crítico Cláudio Andrey (página ao lado) justifica o esplendor estético da encenação de Inez Viana, a partir de uma dramaturgia em carne viva que Pedro Kosovski extraiu da literatura de Édouard Louis, o Marcel Proust do momento. O impacto na vida carioca da adaptação de “Lutas e Metamorfoses de uma Mulher” (2021) e de “Monique se Liberta” (2024) – dois pilares da prosa do escritor francês de 33 anos – tem tudo para se repetir na rotina do povo paranaense, uma vez que o espetáculo se impõe como um ímã

de plateias para o 34º Festival de Curitiba. O evento... uma espécie de Cannes do teatro brasileiro... vai receber Malu e Martelli em sua reta final, nos dias 11 e 12, no Guairinha, consolidando as pesquisas de Inês em cena.

Monique, a protagonista, papel de Malu, espelha a realidade feminina de muitos cantos deste planeta, em especial um Brasil de evasão paterna contínua, no qual as mulheres brasileiras assumem a chefia de suas famílias, sendo obrigadas a reinventar suas vidas. “A gente está vivendo um momento muito difícil por con-

ta da feminicídio, da misoginia, dos grupos Red Pill, que sempre existiram, mas afloraram e, agora estão com menos vergonha de se apresentarem. Tem um movimento muito grande contra as mulheres. A cada apresentação da peça, a gente ouve depoimentos de mulheres que viveram violências”, conta Inez.

Clima de catarse

“Algumas conseguiram sair, algumas não conseguiram ainda. São catarses realmente que acontecem depois do espetáculo. Elas me procuram, procuram a Malu, falando sobre como conseguiram sair de uma relação abusiva e das consequências que isso gerou. Há uma vingança por parte dos homens, quando eles são abandonados, quando as mulheres dizem que não querem mais. O espetáculo, de alguma forma, mesmo sendo uma história de uma mulher no interior da França, respinga muito na gente também. No mundo todo. Aí a gente precisa também que os homens se engajem nessa causa totalmente”.

No momento em que Jair Bol-



Édouard Louis, um fenômeno literário europeu

sonaro foi eleito para a presidência, a revista “Quatro Cinco Um” publicou um artigo, em novembro de 2018, levantando a bola de um galetto ao belo canto que, nascido e criado em Picardy, a uns cem quilômetros de Paris, fazia da autoficção um aríete para resistir a tudo

o que se associava àquele governo então recém-empossado no Brasil. Seu livro nº 1, “En Finir Avec Eddy Bellegueule” (2014), apresenta, em chave autobiográfica, a infância e adolescência do autor em Hallencourt, no norte da França, tematizando pobreza, violência e